

## EXTINÇÃO

ARANTES, Paulo. *Extinção*. São Paulo: Boitempo, 2007.

Nilson Moulin  
Tradutor de literatura italiana  
Escreve livros de Educação Ambiental e, neste campo,  
fez formação de multiplicadores (Moçambique-UNESCO; Amapá).  
E-mail: nmoulin@senado.gov.br

Quanto à posição de Paulo Arantes, é muito marcada pelo marxismo, com a novidade muito relativa, de que há um pessimismo em relação às possibilidades da revolução. Isso é muito pouca coisa como ‘aggiornamento’ teórico. O autor continua pensando no interior de um esquema maniqueísta, em que há o capitalismo onipotente, e as forças que tentam se opor a ele, sem sucesso. (FAUSTO, 2007).

Em agosto de 2004, no mesmo periódico, o mesmo filósofo assinava uma resenha do Livro de Arantes intitulado *Zero à esquerda*. Ed. Conrad, coletânea de artigos publicados entre 1997 e 2001. Extrato dessa resenha: Traz algumas análises críticas muito ricas e de muito bom nível teórico (o autor acerta mais lá onde, pelo menos em parte, filosofa, o que já sugere que a sua passagem da filosofia à não-filosofia talvez não tenha sido tão bem-sucedida).

Ir além do universo pedagógico da USP teria de fato provocado alguma perda de qualidade nas intervenções de Paulo Eduardo Arantes? Escrever artigos para cotidianos e trabalhar como editor teria piorado o padrão da produção teórica deste professor universitário?

Creio bem que não.

Contudo, convém fazer algumas ressalvas às afirmações de Fausto, considerando as diferenças de trajetórias políticas de cada um e, lamentável, as diatribes acadêmico-departamentais que, por vezes, desqualificam injustamente textos públicos que sustentam o nosso debate político via mídia.

De qualquer modo, recomenda-se a leitura da supracitada entrevista (26/08/07) na íntegra e também do mais recente livro do professor Rui Fausto: *A esquerda difícil*. Ed. Perspectiva, 2007.

O título *Extinção* remete, dentre outras possibilidades, ao livro homônimo (1986) do austríaco Thomas Bernhard, tendo o europeu como subtítulo *Uma derrocada*. Os dois autores dessas “extinções” teriam algo em comum? Ambos são considerados

“nihilistas”, usando quase sempre uma Linguagem exasperada, densa, marcada por um estilo cortante: nenhum deles parece preocupado em se tornar autor de best sellers. Depois de morto (1989), Bernhard passou a ser um pouco mais aceito. Para quem não conhece o escritor de língua alemã, eis uma amostra. Ao rememorar Salzburgo e seu pesadíssimo teatro do poder, durante a Segunda Guerra e logo após, ele ataca a “coisa nazi-católica”.

Como a maioria dos livros constituídos a partir de seleção de textos, esta Extinção de Arantes apresenta altos (muitos) e baixos (poucos). De qualquer modo, acha-se bem acima da média brasileira contemporânea no campo da política. Os textos ora reunidos foram publicados entre 2002 e 2006.

No plano internacional, sua crítica à globalização (Guerra do Iraque, hegemonia USA, relações centro-periferia e outros) não muito acrescenta aos trabalhos mais recentes de Bauman, Negri, Wallerstein e Zizek. Sua sintonia com tais autores indica mais do que algumas afinidades intelectuais. Arantes mantém uma interlocução de alto nível com esses politólogos.

Bastante sugestivas suas concepções relacionadas com “mundo-fronteira”. Esta resenha terá como foco os capítulos dedicados à cena brasileira, ou seja, a mundialização vista do lado de cá.

Arantes não está sozinho em suas análises e denúncias: destacam-se junto dele, em trincheiras próximas, o sociólogo Chico de Oliveira, Laymert Garcia dos Santos, Roberto Schwarz e poucos mais.

No início de seu prefácio, o professor Laymert sublinha: “[...] escritos aqui reunidos [...] quebrar [...] o conformismo complacente em que se encontra a intelectualidade brasileira.”

Mais adiante, o professor da Unicamp resume com precisão: “a estratégia das forças vencedoras da era da globalização no plano da geopolítica e o modo como essa mesma estratégia se impõe e se compõe com as forças internas da sociedade brasileira”.

Quase ao final da leitura desta Extinção, impõe-se uma pergunta:

A política de fato se tornou irrelevante?

Sou obrigado a discordar tanto de Oliveira quanto de Arantes. Desde o começo da chamada “transição para a democracia” (1985), não há motivos para otimismo. A corrupção que marcou o governo Sarney (hoje, peça vital das articulações de Lula no Senado) ganhou novas formas.

Durante o festival de privatizações do período FHC, a corrupção também campeava, porém tudo era feito com luvas de pelica e com o *savoir faire* das antigas elites, usando verniz importado na linguagem dos tecnocratas. Desde a explicitação dos mecanismos

“mensaleiros” (2004), constatou-se que a corrupção havia adquirido nuances próprias. Desgraçadamente, as práticas de cooptação se ampliaram, tendo o PT e “a tropa de Dirceu” à frente.

No início da década de 1990, a gradual transformação do PT num partido dominado por funcionários públicos já prenunciava uma guinada ideológica e uma “flexibilização” no que concerne à gestão de dinheiros públicos. Mesmo entre aqueles que abandonaram o partido, em meados dos 90, houve muita ingenuidade, omissão e silêncios múltiplos até as eleições de 2002. O assassinato do prefeito de Santo André constitui parte substantiva dos desdobramentos de uma rede de práticas mafiosas, que não era denunciada “extra-muros”, mas que passou a determinar os rumos do PT e suas alianças posteriores.

Mas esse nível avassalador de alianças espúrias, cooptações à direita e à esquerda não constitui novidade: basta reler a história do período colonial. Tantos versos de Gregório de Matos Guerra (Boca do inferno) poderiam servir de legendas para fotos contemporâneas: tanto em Brasília quanto em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Salvador e em Belo Horizonte (primórdios do “valerioduto”) [...] Nossa proverbial e arcaica impunidade, no confronto dos grandes ladrões, continua a induzir múltiplas formas de violência.

Assim, a permanência do altíssimo nível de corrupção, com as respectivas cooptações, chantagens, silêncios e conivências são uma constante de nossa formação social, bem como em muitos Estados vizinhos. Isso não é suficiente para fundamentar uma “irrelevância da política”. Nem aqui nem pelo mundo afora.

E a efervescência social em alguns países da América do Sul pode ser um indício de que as tenazes da globalização não anestesiarão tão completamente as reivindicações populares. Quem garante que algo novo não esteja em gestação?

Neste excelente e polêmico livro, devo destacar os artigos seguintes:

- Fim de jogo
- A cultura do excesso
- Fim de um ciclo mental
- O governo Lula acabou? (sugestão: acoplar a leitura com Beijando a cruz, ano 2003, in Zero à esquerda).
- O que vem por aí?
- Quase dois irmãos (Att.: José Eli da Veiga foi dos primeiros a registrar em livro as similaridades entre PT e PSDB quando no comando de governos)
- Bem-vindos ao deserto brasileiro do real
- Fim de linha ou marco zero?

Ao concluir a leitura, retorna aquele sentimento de viver uma paródia coletiva (em

clave de pesadelo). Quem vai ter a coragem de levar ao palco ou às telas do cinema: Lula sob as vestes de Dom Sebastião (ele mesmo, o rei luso devorado pelas areias de Alkácer Kibir), discursando ad nauseam, num remix de Antônio Conselheiro com Padinho Cícero? Os banqueiros ditos nacionais ('nunca antes se lucrou tanto neste País'), agradecidos, certamente estariam dispostos a financiar mais uma carnavalização de nossa permanente Terra em transe.

Por último, mas não com menor peso:

"[...] a ética não pode ser o centro de tudo". Ideli Salvatti, líder do PT no Senado, ex-professora, como Delúbio Soares, ex-tesoureiro do mesmo partido.

Brasília, 03 outubro 2007

#### Referência

FAUSTO Ruy. Posições de intelectuais brasileiros me assustam. *Folha de S Paulo*, São Paulo, 26 ago. 2007.